

Barroco: Padre Antônio Vieira

Teoria

Introdução: relembando elementos do Barroco

A literatura barroca está inserida numa época de Reforma Protestante e Contrarreforma (que é lembrada especialmente pela Inquisição) – ou seja, é um período de choque de ideias por si só. Além disso, o antropocentrismo renascentista encontra oposição no teocentrismo imposto pela contrarreforma. Dentro desse contexto de oposição e embate de ideias é que surge o chamado Barroco, que tem como uma de suas principais características o uso das figuras de linguagem **antítese** e **paradoxo**.

- Antítese: combinação de ideias ou figuras opostas. Ex: “O dia claro, a noite escura”
- Paradoxo: união de ideias e figuras opostas que se contradizem. Ex: “Amor é fogo que arde sem se ver/ferida que dói e não se sente”

A dualidade é um dos traços principais para se definir o Barroco. Quanto ao estilo, divide-se essa produção literária em dois ramos:

- cultismo: texto mais descritivo, que busca provocar sentimentos no leitor; a linguagem apresenta muitos aspectos visuais
- conceptismo: texto mais dissertativo e persuasivo, com argumentação elaborada e que usa muitas vezes do paradoxo.

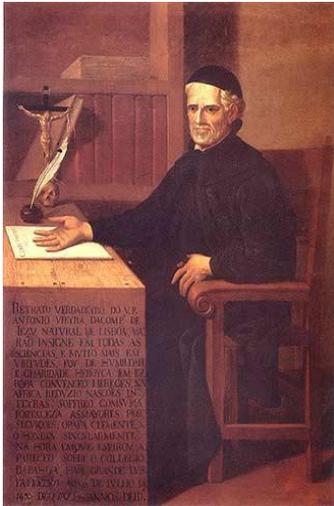
É importante lembrar que essa divisão se dá por questões de método e que nenhum texto é puramente cultista ou conceptista; o que acontece é que um texto é predominantemente escrito em ou estilo ou outro. Na literatura brasileira, os maiores nomes barrocos são Pe. Antônio Vieira e Gregório de Matos. Neste material, aprofundaremos sobre a contribuição de Antônio Vieira para os textos barrocos.

Padre Antônio Vieira: dados biográficos

Antônio Vieira nasceu em Lisboa, Portugal (1608) e passou a sua vida transitando por diversos países, em especial o Brasil, ambiente no qual produziu suas obras e veio a falecer, em 1697, na cidade de Salvador. Quando criança, ele veio ao Brasil e aqui se formou, porém retornou a Portugal com cerca de 30 anos. Lá, ele presenciou o fim da União Ibérica e, em 1640, vê a restauração do trono português, pelo rei D. João IV. O padre passa a prestar lealdade ao rei e exerce a função de conselheiro e diplomata de Portugal.

Em 1652, Antônio Vieira retorna ao Brasil. Sua intenção, neste momento, é a de catequizar os indígenas e retirá-los do contexto escravizador. Inclusive, dentro de sua produção escrita, nota-se a diferença entre seu posicionamento acerca da escravidão destes povos e a visão dos outros portugueses. Porém, o padre é expulso do cenário brasileiro e retorna a Portugal, agora como réu da Inquisição, ou seja, condenado. Tendo em vista o contexto, os seus posicionamentos contrários foram interpretados como subversivos. Isso é uma evidência de como a postura da Santa Inquisição não estava relacionada somente aos ideais cristãos (afinal, em suas obras, conforme veremos a seguir, o Padre sempre valorizou, acima de tudo, a palavra de Deus), mas sim direcionada à discussão política.

Para a sorte de Antônio Vieira, há a anulação de sua condenação em Roma e, por consequência, ele retorna ao Brasil em 1681, permanecendo no país até a sua morte.



A obra de Padre Antônio Vieira

Apesar de alguns questionarem se a obra de Antônio Vieira pode ser considerada, de fato, literatura brasileira, ele faz parte, sim, desse meio. Não à toa ele é, ao lado de Gregório de Matos, um dos principais nomes do Barroco no Brasil. Mesmo atuando enquanto pregador, o padre traz uma **linguagem extremamente arquitetada**, sem mencionar a **organização de suas ideias** e proposições. Assim, as suas obras são marcadas pelo já mencionado **conceptismo**.

Além disso, apesar de ter nacionalidade portuguesa, ele passou longos anos no Brasil e produziu obras referentes a este território.

Veja, a seguir, mais alguns traços referentes à produção do Padre Antônio Vieira:

- Ele se destacava como pregador, mas também atuou como conselheiro régio e embaixador. Dessa forma, a sua obra pode servir como conteúdo político;
- Vieira pregava pela **diversidade religiosa**, pelo direito ao culto, pensando tanto em um viés político quanto religioso.
- Vocação missionária. Confira o trecho abaixo, no qual, em carta, Vieira assume sua própria vocação para a função exercida:
 - “Enfim, senhor, Deus quis que, com vontade ou sem ela, eu viesse ao Maranhão, onde já estou reconhecendo cada hora maiores efeitos desta providência, e experimentando nela claríssimos indícios da minha predestinação e da de muitas almas; e por esse meio dispõe que elas e eu nos salvemos”.

A questão da escravidão nas obras do Padre Antônio Vieira

Em seus textos, Padre Antônio Vieira não deixava de se posicionar acerca da escravidão, tanto a indígena, quanto a negra. Ele traz uma visão crítica acerca do sistema escravocrata, em termos gerais, mas, ainda que a sua visão fosse avançada, especialmente se tratando do contexto no qual estava inserido, a sua postura diante aos indígenas é distinta da que se refere aos negros. Veja a seguir:

Escavidão indígena

Leia o trecho abaixo, extraído do Sermão Primeiro Domingo da Quaresma (1653).

“Quem nos há de ir buscar um pote de água, ou feiche de lenha? Quem nos há de fazer duas covas de mandioca? Hão de ir nossas mulheres? Hão de ir nossos filhos?

Quando a necessidade e a consciência obriguem a tanto, digo que sim, e torno a dizer que sim: que vós, que vossas mulheres, que vossos filhos e que todos nós nos sustentássemos de nossos braços, porque melhor é sustentar do suor próprio que do sangue alheio. Ah! Fazendas do Maranhão; que se esses mantos e essas capas se torcerem, haviam de lançar sangue.”

Os questionamentos iniciais fazem referência às falas dos brancos, na época, que partiam desse raciocínio para defender a inferioridade indígena e seu caráter serviçal. Porém, logo em diante, Padre Antônio Vieira se manifesta contrariamente a essa percepção, tendo em vista que é melhor o indivíduo realizar o próprio trabalho do que exigir que outro o faça. Assim, nota-se a crítica à **injustiça** da lógica escravocrata.

Escavidão negra

A seguir, veja o trecho extraído do Sermão XIV do Rosário (BA, 1633).

“Em um engenho sois imitadores de Cristo Crucificado: porque padeceis de um modo muito semelhante ao que o mesmo senhor padeceu na sua cruz. (...) Cristo despido, e vos despidos, Cristo sem comer e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. (...) Eles mandam e vós servis, eles dormem e vós velais; eles descansam, e vós trabalhais; eles gozam o fruto de vossos trabalhos, e o que vós colhei deles é um trabalho sobre o outro. Não há trabalhos mais doces do que os da vossa oficina; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas de quem disse o poeta: "Sic vos non vobis mellificatis apes". (Verso atribuído a Virgílio: "Assim vós, mas não para vós, fabricais o mel, abelhas".)

O trecho acima estabelece a relação entre a condição dos escravizados e de Cristo crucificado. Vieira utiliza desse recurso para argumentar contrariamente à condição desumana na qual os negros eram submetidos. Porém, através de cartas, o padre comenta sobre a escavidão da população negra enquanto um ‘mal necessário’, reforçando o ideal de que esse grupo suportava melhor o contexto do trabalho forçado do que os indígenas. Além disso, em relação ao Quilombo de Palmares, defendeu a sua destruição, e, até o fim da vida, não voltou atrás quanto a esse posicionamento. Logo, apesar de ser conhecido, a princípio, por sua visão mais progressista em relação à condição humana, é necessário, também, ter consciência quanto ao seu verdadeiro posicionamento acerca da população negra e escravizada.



Quer assistir ao vídeo relacionado a esse mapa mental do Barroco no Brasil? Clique [aqui](#) e veja a edição do nosso **Quer Que Desenhe?** sobre o assunto!

Textos de Apoio

Texto I

Sermão de Quarta-feira de Cinza, ano de 1672 (fragmentos)

Memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris.

(Lembra-te, homem, de que és pó e ao pó voltarás)

Duas coisas prega hoje a Igreja a todos os mortais, ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas. Mas uma de tal maneira certa e evidente, que não é necessário entendimento para crer; outra de tal maneira certa e dificultosa, que nenhum entendimento basta para a alcançar. Uma é presente, outra futura, mas a futura veem-na os olhos, a presente não a alcança o entendimento. E que duas coisas enigmáticas são estas? Pulvis es, tu in pulverem reverteris: Sois pó, e em pó vos haveis de converter. Sois pó, é a presente; em pó vos haveis de converter, é a futura. O pó futuro, o pó em que nos havemos de converter, veem-no os olhos; o pó presente, o pó que somos, nem os olhos o veem, nem o entendimento o alcança. Que me diga a Igreja que hei de ser pó: Jn pulverem reverteris, não é necessário fé nem entendimento para o crer. Naquelas sepulturas, ou abertas ou cerradas, o estão vendo os olhos. Que dizem aquelas letras? Que cobrem aquelas pedras? As letras dizem pó, as pedras cobrem pó, e tudo o que ali há é o nada que havemos de ser: 2 Literatura tudo pó. (...)Mas que me diga e me pregue hoje a mesma Igreja, regra da fé e da verdade, que não só hei de ser pó de futuro, senão que já sou pó de presente: Pulvis es? Como o pode alcançar o entendimento, se os olhos estão vendo o contrário? É possível que estes olhos que veem, estes ouvidos que ouvem, esta língua que fala, estas mãos e estes braços que se movem, estes pés que andam e pisam, tudo isto, já hoje é pó: Pulvis es?

(...)

Enfim, senhores, não só havemos de ser pó, mas já somos pó: Pulvis es. (...)Mas como pode ser? Como pode ser que eu que o digo, vós que o ouvis, e todos os que vivemos sejamos já pó: Pulvis es? A razão é esta. O homem, em qualquer estado que esteja, é certo que foi pó, e há de tornar a ser pó. Foi pó, e há de tomar a ser pó? Logo é pó. Porque tudo o que vive nesta vida, não é o que é: é o que foi e o que há de ser. Ora vede.

No dia aprazado em que Moisés e os magos do Egito haviam de fazer prova e ostentação de seus poderes diante de el rei Faraó, Moisés estava só com Arão de uma parte, e todos os magos da outra. Deu sinal o rei, mandou Moisés a Arão que lançasse a sua vara em terra, e converteu-se subitamente em uma serpente viva e tão temerosa, como aquela de que o mesmo Moisés no deserto se não dava por seguro. Fizeram todos os magos o mesmo: começam a saltar e a ferver serpentes, porém a de Moisés investiu e avançou a todas elas intrépida e senhorilmente, e assim, vivas como estavam, sem matar nem despedaçar, comeu e engoliu a todas. Refere o caso a Escritura, e diz estas palavras: Devoravit virga Aaron virgas eorum: a vara de Arão comeu e engoliu as dos egípcios (Êx. 7,12). – Parece que não havia de dizer: a vara, senão: a serpente. A vara não tinha boca para comer, nem dentes para mastigar, nem garganta para engolir, nem estômago para recolher tanta multidão de serpentes. A serpente, em que a vara se converteu, sim, porque era um dragão vivo, voraz e terrível, capaz de tamanha batalha e de tanta façanha. Pois, por que diz o texto que a vara foi a que fez tudo isto, e não a serpente? Porque cada um é o que foi e o que há de ser.

(...)

Ah! serpentes astutas do mundo vivas, e tão vivas! Não vos fieis da vossa vida nem da vossa viveza; não sois o que cuidais nem o que sois: sois o que fostes e o que haveis de ser. Por mais que vós vejais agora um dragão coroadado e vestido de armas douradas, com a cauda levantada e retorcida açoitando os ventos, o peito inchado, as asas estendidas, o colo encrespado e soberbo, a boca aberta, dentes agudos, língua trifitricada, olhos cintilantes, garras e unhas rompentes (...), se foi vara, e há de ser vara, é vara; se foi terra, e há de ser terra, é terra; se foi nada, e há de ser nada, é nada, porque tudo o que vive neste mundo é o que foi e o que há de ser.

(...)

Notai. Esta nossa chamada vida não é mais que um círculo que fazemos de pó a pó: do pó que fomos ao pó que havemos de ser. Uns fazem o círculo maior, outros menor, outros mais pequeno, outros mínimo (...). Mas, ou o caminho seja largo, ou breve, ou brevíssimo, como é círculo de pó a pó, sempre e em qualquer parte da vida somos pó. Quem vai circularmente de um ponto para o mesmo ponto, quanto mais se aparta dele tanto mais se chega para ele; e quem quanto mais se aparta mais se chega, não se aparta. O pó que foi nosso princípio, esse mesmo, e não outro, é o nosso fim, e porque caminhamos circularmente deste pó para este pó, quanto mais parece que nos apartamos dele, tanto mais nos chegamos para ele; o passo que nos aparta, esse mesmo nos chega; o dia que faz a vida, esse mesmo a desfaz.

(...)

Ora, suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse, perguntar-me-eis e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó: 3 Literatura em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguímo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído: os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz. (...)

Aos vivos, que direi eu? Diga que se lembre o pó levantado que há de ser pó caído. Levanta-se o pó com a vento da vida, e muito mais com o vento da fortuna; mas lembre-se o pó que o vento da fortuna não pode durar mais que o vento da vida, e que pode durar muito menos, porque é mais inconstante. O vento da vida por mais que cresça, nunca pode chegar a ser bonança; o vento da fortuna, se cresce, pode chegar a 'ser tempestade, e tão grande tempestade que se afogue nela o mesmo vento da vida. Pó levantado, lembra-te outra vez que hás de ser pó caído, e que tudo há de cair e ser pó contigo. (...) Ouro, prata, bronze, ferro, lustre, riqueza, fama, poder, lembra-te que tudo há de cair de um golpe, e que então se verá o que agora não queremos ver: que tudo é pó, e pó de terra.

(...)

Comecemos de hoje em diante a viver como queremos ter vivido na hora da morte. Vive assim como quiseras ter vivido quando morras. Oh! que consolação tão grande será então a nossa, se o fizermos assim! E pelo contrário, que desconolação tão irremediável e tão desesperada, se nos deixarmos levar da corrente, quando nos acharmos onde ela nos leva! (...) se todos os dias podemos morrer, se cada dia nos imos chegando mais à morte, e ela a nós, não se acabe com este dia a memória da morte. Resolução, resolução uma vez, que sem resolução nada se faz. E para que esta resolução dure e não seja como outras, tomemos cada dia uma hora em que cuidemos bem naquela hora. De vinte e quatro horas que tem o dia, por que se não dará uma hora à triste alma? Esta é a melhor devoção e mais útil penitência, e mais agradável a Deus, que podeis fazer nesta quaresma. Tomar uma hora cada dia, em que só por só com Deus e conosco cuidemos na nossa morte e na nossa vida. E porque espero da vossa piedade e do vosso juízo que aceitareis este bom conselho, quero acabar deixando-vos quatro pontos de consideração para os quatro quartos desta hora. Primeiro: quanto tenho vivido? Segundo: como vivi? Terceiro: quanto posso viver? Quarto: como é bem que viva? Torno a dizer para que vos fique na memória: Quanto tenho vivido? Como vivi? Quanto posso viver? Como é bem que viva? Memento homo.

Texto II

Sermão de Quarta-feira de Cinza, ano de 1673 (fragmentos)

Duas coisas prega hoje a Igreja a todos os mortais, ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas. Assim comecei eu o ano passado, quando todos estávamos mais longe da morte; mas hoje, que também estamos todos mais perto dela, importa mais tratar do remédio, que encarecer o perigo. Adiantando pois o mesmo pensamento, e sobre as mesmas palavras, digo, senhores, que duas coisas prega hoje a Igreja a todos os vivos: uma grande, outra maior; uma triste, outra alegre; uma temerosa, outra segura; uma certa e necessária, outra contingente e livre. E que duas coisas são estas? Pó e pó. O pó que somos: Pulvis es, e o pó que havemos de ser: In pulverem reverteris. O pó que havemos de ser é triste, é temeroso, é certo e necessário, porque ninguém pode escapar da morte; o pó que somos é alegre, é seguro, é voluntário e livre, porque se nós o quisermos entender e aplicar como convém, o pó que somos será o remédio, será a triaga, será o corretivo do pó que havemos de ser.

Notável foi o caso sucedido em tempo do imperador Valente (...). Quis uma inimiga doméstica tirar a vida com veneno ao senhor da casa, e depois de ter medicado a bebida com certos pós venenosos, duvidando ainda se teriam bastante eficácia para segurar melhor o efeito, mandou buscar outros. Vieram os segundos pós, lança-os na mesma taça a traidora, bebe o inocente marido, mas quando ela esperava que caísse subitamente morto, ele ficou tão vivo e sem lesão como dantes. Admirável acontecimento! Se os primeiros pós bastavam para matar, e os segundos também, ambos juntos, por que não mataram? Este homem não era Mitridates, que se alimentasse com veneno. Se bebia só os primeiros pós morria; se bebia só os segundos, também morria. Pois por que não morreu bebendo uns e mais os outros? Porque os segundos pós foram corretivos dos primeiros. A guerra que haviam de fazer ao coração, fizeram-na entre si, e em vez de matar, mataram-se.

Tais são os dois pó com que hoje nos ameaça a sentença universal de Adão: Pulvis es, um pó; In pulverem reverteris, outro pó, ambos mortais, ambos venenosos, mas se nós quisermos, não está na mão dos fados, senão na nossa, que um seja a triaga e o corretivo do outro. Isto é o que determino pregar hoje. (...) Havemos de vencer um pó com outro pó; havemos de curar um veneno com outro veneno; havemos de matar uma morte com outra morte: a morte do pó que havemos de ser; com a morte do pó que somos: Pulvis es, et in pulverem reverteris.

(...)

Homem cristão, com quem fala a Igreja, és pó e hás de ser pó. Que remédio? Fazer que um pó seja corretivo do outro. Sê desde logo o pó que és, e não temerás depois ser o pó que hás de ser. Sabeis, senhores, por que tememos o pó que havemos de ser? É porque não queremos ser o pó que somos. Sou pó, e hei de ser pó; pois antes de ser o pó que hei de ser, quero ser o pó que sou. Já que hei de ser pó por força, quero ser pó por vontade. Não é melhor que faça desde já a razão, o que depois há de fazer a natureza? Se a natureza me há de resolver em pó, eu quero-me resolver a ser pó, e faça a razão por remédio, o que há de fazer a natureza sem remédio. Não sei se entendestes toda a metáfora. Quer dizer mais claramente que o remédio único contra a morte, é acabar a vida antes de morrer. (...) O pensamento saiu de Roma, e fora melhor que não saísse. – Lucílio meu, considera com atenção o que agora te direi, e toma um conselho que te dou como mestre e como amigo. Se queres morrer seguro, e viver o que te resta sem temor, acaba a vida antes da morte. – Ó grande e profundo conselho, merecedor verdadeiramente de melhor autor; e digno de ser abraçado de todos os que tiverem fé e entendimento!. Consumare vitam ante mortem: Acabar a vida antes de morrer; e ser pó por eleição, antes de ser pó por necessidade. Isto disse e ensinou um homem gentio, porque para conhecer esta verdade não é necessário ser cristão; basta ser homem: Memento homo.

(...)

Três coisas (...) fazem duvidosa, perigosa, e terrível a morte: ser uma, ser incerta, e ser momentânea. Estas são as três cabeças horrendas deste Cérbero, estas são as três gargantas por onde o inferno engole o mundo. E de todas estas dificuldades e perigos se livra seguramente só quem? Quem não guarda a morte para a morte, quem acaba a vida antes de morrer; quem se resolve a ser pó antes de ser pó: Pulvis es.

(...)

Primeiramente é terrível condição da morte, ser uma. (...) O maior mal da morte é não se poder multiplicar. Se a unidade da morte se multiplicara, e se pudera morrer mais de uma vez, apelara-se de uma para a outra. Quando Davi saiu a desafio com o gigante, meteu cinco pedras no surrão, porque se errasse a primeira pedrada, pudesse apelar para as outras pedras. (...) Todos havemos de sair a desafio com este grãogigante, com este Golias da morte, mas o vencer ou não vencer, está em um só tiro. Para a morte da vida espiritual há contrição, há penitência; para a morte da vida corporal não instituiu Deus sacramento, nem há remédio. Quem a errou uma vez, errou-a para sempre.

(...)

Nenhuma coisa se faz bem da primeira vez, quanto mais a maior de todas, que é morrer bem. (...) é digno de toda a admiração, que sendo tantas as meditações da morte, e tantos os espetadores deste 5 Literatura desengano, sejam tão poucos os que sabem morrer. Mas a razão desta experiência e desta desgraça é porque as artes ou ciências práticas não se aprendem só especulando, senão exercitando. Como se aprende a escrever? Escrevendo. Como se aprende a esgrimir? Esgrimindo. Como se aprende a navegar? Navegando. Assim também se há de aprender a morrer, não só meditando, mas morrendo. Por isso Cristo nos ensinou em Lázaro a morrer duas vezes: uma vez para que aprendêssemos, outra para que soubéssemos morrer. (...)

Cristãos, e senhores meus, se quereis morrer bem (como é certo que quereis) não deixeis o morrer para a morte: morrei em vida; não deixeis o morrer para a enfermidade e para a cama: morrei na saúde, e em pé. (...) Foi notar S. Judas Tadeu naquela sua admirável epístola, que as árvores morrem duas vezes. (...) A primeira vez, morrem as árvores em pé, a segunda deitadas; a primeira, quando se secam; a segunda, quando caem. Platão disse que os homens são árvores às avessas, e eu acrescento que, se morrerem como as árvores, serão homens às direitas. Na árvore, enquanto lhe dura a vida, ou a verdura, tudo são galas, tudo pompa, tudo novidades; morre finalmente a árvore com o tempo a primeira vez, e daquele corpo tão formoso e vário, que vestiam as folhas, que guarneciam as flores, que enriqueciam os frutos, não se vê mais que um cadáver seco, triste e destroncado. Neste despojo de tudo o que tinha sido, presa ainda pelas raízes, e sustentando-se na terra, mas não da terra, espera a árvore em pé a última caída, e esta é a segunda morte, com que de todo acaba. Assim deve acabar antes de acabar, quem quer acabar bem. Quantas primaveras têm passado por nós, quantos verões, e quantos outonos, e pode ser que com menos fruto que folha e flores! O que fazem os anos nas árvores, bem o puderam já ter feito em muitos de nós os mesmos anos. E é bem que a razão e o desengano o faça em todos, pois são mais fracas as nossas raízes. Esperemos mortos pela morte, e esperemo-la em pé, antes que ela nos deite na sepultura.

(...)

Isto de acabar a vida antes da morte, como se há de fazer? Respondo que fazendo resolutamente por própria eleição, na morte antecipada e voluntária, tudo aquilo que se faz prudente e cristãmente na morte forçosa e precisa. Primeiramente (que isto deve ser o primeiro) confessa-se geralmente de toda sua vida, arrepende-se de seus pecados, compõe do melhor modo que pode suas dívidas, faz seu testamento, deixa sufrágios pela sua alma, põe-na inteiramente nas mãos do padre espiritual, abraça-se com um Cristo crucificado, e dizendo como ele: Consummatum est (Jo. 19,30), espera pela morte. Este é o mais feliz modo de morrer que se usa. Mas como é forçoso e não voluntário, e aqueles poucos e perturbados atos que então se fazem, não bastam para desfazer os maus hábitos da vida passada, assim como a contrição é pouco verdadeira e pouco firme, e as tentações então mais fortes, assim a morte é pouco segura e muito arriscada. A contrição, diz Santo Agostinho, na enfermidade é enferma, e na morte, diz o mesmo santo, temo muito que seja morta. Deixemos logo os pecados quando nós os deixamos, e não quando eles nos deixam a nós, e acabemos a vida quando ainda podemos viver; e não quando ela se tem acabado. (...)

Considerai as imunidades dos mortos, e vereis o descanso de que gozam e os trabalhos de que se livram os que antecipam a morte. (...) Livre dos cuidados do mundo, porque já está fora do mundo. Livre de emulações e invejas, porque a ninguém faz oposição. Livre de esperanças e temores, porque nenhuma coisa deseja. Livre de contingências e mudanças, porque se isentou da jurisdição da fortuna. Livre dos homens, que é a mais dificultosa liberdade, porque se descativou de si mesmo. Livre finalmente de todos os pesares e moléstias e inquietações da vida, porque já é morto. A todos os mortos se canta piamente por costume: Requiescant in pace. Mas esta paz e este descanso, só o logram seguramente os que morreram antes de morrer.

Texto III

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício: porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. (...)

O ladrão que furta para comer, não vai nem leva ao inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são outros ladrões de maior calibre e de mais alta esfera; os quais debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento distingue muito bem São Basílio Magno. Não só são ladrões, diz o santo, os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões ou o governo das províncias ou a administração das cidades, os quais já com mancha, já com forças roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor nem perigo: os outros se furtam, são enforcados, estes furtam e enforcam.

Diógenes que tudo via com mais aguda vista que os outros homens viu que uma grande tropa de varas e ministros da justiça levava a enforcar uns ladrões e começou a bradar: lá vão os ladrões grande a enforcar os pequenos... Quantas vezes se viu em Roma ir a enforcar o ladrão por ter roubado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triunfo, um cônsul, ou ditador por ter roubado uma província? E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triunfantes?

(Padre Antônio Vieira. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno04-10.html>.)

Exercícios

1. "Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair são os que se contentam com pregar na pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semeadura; aos que vão buscar a seara tão longe, não-lhes de medir a semeadura, e não-lhes de contar os passos. Ah! dia do juízo! Ah! pregadores! Os de cá, achar-vos-ei com mais paço; os de lá, com mais passos..."

Essa passagem é representativa de uma das tendências estéticas típicas da prosa seiscentista, a saber:

- a) Sebastianismo, isto é, a celebração do mito da volta de D. Sebastião, rei de Portugal, morto na batalha de Alcácer-Quibir.
 - b) a busca do exotismo e da aventura ultramarina, presentes nas crônicas e narrativas de viagem.
 - c) a exaltação do heróico e do épico, por meio das metáforas grandiloqüentes da epopéia.
 - d) lirismo trovadoresco, caracterizado por figuras de estilo passionais e místicas.
 - e) Conceptismo, caracterizado pela utilização constante dos recursos da dialética.
2. Por isto são maus ouvintes os de entendimentos agudos. Mas os de vontades endurecidas ainda são piores, porque um entendimento agudo pode-se ferir pelos mesmos fios e vencer-se uma agudeza com outra maior; mas contra vontades endurecidas nenhuma coisa aproveita a agudeza, antes dana mais, porque quando as setas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra. Oh! Deus nos livre de vontades endurecidas, que ainda são piores que as pedras.

(Sermão da Sexagésima, de Pe. Antônio Vieira.)

Pelo trecho reproduzido, pode-se concluir que o Sermão da Sexagésima trata da:

- a) problemática da pregação religiosa, considerando as figuras dos pregadores e dos fiéis.
- b) necessidade do engajamento dos fiéis nas batalhas contra os holandeses.
- c) exortação que o pregador fazia em favor de seu projeto de criar a Campanha das Índias Ocidentais.
- d) perseguição sofrida pelo pregador em função do apoio que emprestava a índios e negros.
- e) condenação aos governantes locais que desobedeciam aos princípios do mercantilismo seiscentista.

3. (UFSCAR) O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas. (...) Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça labor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte está dia, da outra há-de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que não tenhamos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras.

(Vieira, "Sermão da Sexagésima".)

No texto, Vieira critica um certo estilo de fazer sermão, que era comum na arte de pregar dos padres dominicanos da época. O uso da palavra xadrez tem o objetivo de

- a) defender a ordenação das ideias em um sermão.
 - b) fazer alusão metafórica a um certo tipo de tecido.
 - c) comparar o sermão de certos pregadores a uma verdadeira prisão.
 - d) mostrar que o xadrez se assemelha ao semear.
 - e) criticar a preocupação com a simetria do sermão
4. O trigo que semeou o pregador evangélico, diz Cristo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa, em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delícias; e nestes afogasse a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados; e nestes seca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam; e nestes é pisada a palavra de Deus, porque ou a desatendem, ou a desprezam. Finalmente, a terra boa são os corações bons, ou os homens de bom coração; e nestes prende e frutifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundância, que se colhe cento por um [...].

(Vieira, "Sermão da Sexagésima".)

Pode-se dizer que os sermões de Vieira revestem-se de um jogo intelectual no qual se vê o prazer estético do autor para pregar a palavra de Deus, por meio de uma linguagem altamente elaborada.

- a) Um dos recursos bastante utilizado por Vieira é o de disseminação e recolha, por meio do qual o autor "lança" os elementos e depois os retoma, um a um, explicando-os. Transcreva o período em que Vieira faz esse lançamento dos elementos e indique os termos aos quais eles vão sendo comparados.
- b) Explique que comparação conduz o fio argumentativo do Padre Vieira nesse trecho.

5. Texto:

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim. – Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? –Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratae habentem. Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

[Fragmento do Sermão do bom ladrão, de Pe. Antônio Vieira]

Uma das mais importantes características da obra do Padre Antônio Vieira refere-se à presença constante em seus sermões das dimensões social e política, somadas à religiosa. Comente esta afirmativa em função do texto acima.

Gabarito

1. E

Vieira era conceptista e sua exploração dialética se mostra através da retórica e do encadeamento lógico, comentando sobre a diferença entre os pregadores que ficam em seus próprios países, e os que vão pregar em outros ambientes.

2. A

O sermão da Sexagésima critica as negligências dos fiéis e dos pregadores, referindo-se a eles como indivíduos com "vontades endurecidas".

3. A

O xadrez remete à ideia de organização e lógica e, com a sua complexidade, assemelha-se à argumentação presente nos sermões. Logo, é como se o xadrez fosse análogo ao conceptismo dentre os textos de pregação.

4.

a) "Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa (em que o trigo caiu) representam os diferentes corações dos homens." Nesse período, são "lançados" os elementos. Na "recolha", eles são retomados um a um para que sejam comparados aos diversos "corações" ou tipos de homens que, conforme sua natureza, receberam de forma diferente a palavra de Deus, representada pela metáfora do trigo. Os espinhos são os homens que se preocupam com seus próprios interesses materiais e são egoístas; as pedras representam os homens insensíveis, duros de coração; os caminhos são os homens insatisfeitos e intranquilos com o fluxo do tempo e das coisas da vida; a terra boa são os homens que aceitam a palavra de Deus.

b) Na alegoria do Padre Antônio Vieira, a metáfora que sustenta todo o desenvolvimento do trecho e as demais comparações é a extraída do texto bíblico e é usada como epígrafe do sermão: "Semen est verbum Dei" - "a palavra de Deus é semente"

5. A preocupação do Pe. Antônio Vieira com temas de dimensão social e política é explícita no fragmento acima. Ao comparar a figura de um conquistador (imperador) com a de um pirata saqueador, o autor faz uma crítica a esse conquistador, pois o define por seus erros (que são exatamente, segundo ele, os mesmos que os do saqueador).